

Crítica à pseudo-contestação de Moizés Montalvão
ao artigo científico publicado por
Carlos Augusto Perandréa
(Psicografia à Luz da Grafoscopia)

Por

Sandro Fontana

06 de janeiro de 2012.

INTROUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de criticar a pseudo-contestação de Moizés Montalvão ao trabalho do perito em grafoscopia, Carlos Augusto Perandréa, autor do livro A PSICOGRAFIA À LUZ DA GRAFOSCOPIA, onde ele analisa e publica uma perícia feita em uma carta psicografada por Chico Xavier, supostamente por Ilda Mascaro Saullo, a seu filho em Uberaba.

Decidi oficializar e publicar na internet minha crítica ao trabalho de M.M. pois, como lidero uma pesquisa atualmente no mesmo campo, ou seja, expondo assinaturas de cartas psicografadas à pericias grafoscópicas, já considero possuir certo conhecimento sobre o tema e pude encontrar inúmeros erros que incitam os leitores a enganos sérios sobre o grande profissional que é o perito Perandréa, ou impõe a dúvida a moral de Chico Xavier.

Para não sair do foco da critica, não poderei me aprofundar nos detalhes e fazer citações extensas, isso porque minha pesquisa ainda está em andamento, e provavelmente, somente finalize a mesma no fim do primeiro semestre de 2012, iniciada em 2010.

Nesse link, anexo (<http://obraspsicografadas.haaan.com/2010/psicografia-luz-da-grafoscopia-o-que-perandra-no-viu/>), na íntegra, a pseudo-contestação. Os leitores interessados poderem analisar melhor e tirem suas próprias conclusões sobre cada análise.

Estou usando o termo “pseudo-contestação” ao que o M.M. chamou de contestação, pois o mesmo não é perito em grafoscopia, e a boa ética permitiria apenas uma crítica ao autor da pesquisa e não uma contestação, como M.M. definiu.

Não precisaria muito para ilustrar o fato, mas basta dizer que seria o mesmo que um técnico em enfermagem publicasse, na internet, uma contestação formal a um médico conceituado. Fatalmente ele incorreria em muitos erros, pois desconheceria dos profundos conhecimentos e da base de médico, foi o mesmo que ocorreu.

Para ficar fácil a ilustração poderei usar de imagens da pagina do publicado de M.M. e farei os comentários apropriados em separado. Se possível, serão citadas as partes e criticadas uma-a-uma.

PRIMEIRA FASE DA CRÍTICA: *Objetivo (pág. 1).*

Logo no objetivo, M.M. comete seu primeiro equívoco ao usar o termo contestação.

*O objetivo principal do trabalho é **contestar** a conclusão do estudo contido no livro “Psicografia à Luz da Grafoscopia”, de que Chico Xavier reproduzira o traço de ILDA MASCARO, durante contato mediúnico com o espírito da falecida; o que foi considerado “prova científica” da comunicação espiritual.*

Por essência, o ato de contestar é justo a todos, porém para se contestar, ao invés de criticar, é necessário uma boa base, ou ao menos, compatível com o conhecimento do autor original do trabalho.

Segundo o dicionário Priberam, contestar é:

*(latim *contesto, -are, testemunhar, do latim contestor, -ari, pôr em presença as testemunhas, tomar como testemunha)*

v. tr.

1. Provar com o testemunho de outrem.

2. Confirmar.

3. Contender.

4. Contradizer.

5. Recusar reconhecer um direito, negar a verdade de um fato.

v. intr.

6. Opor-se.

7. Discutir.

Então, o direito de contestar é inato podendo e devendo ser feito quando existir um desacordo de conhecimentos e conclusões, porém, ainda deveria ser feito por outro perito em grafoscopia, que o faria adequadamente.

Nesse caso a boa vontade, ou não, de Montalvão se equivoca, pois ele usufrui de conhecimentos próprios adquiridos como bancário na identificação de assinaturas de cheques para tentar contestar um experiente perito e que detém todo um conhecimento sobre a ciência da grafia. Não é ato que nenhum outro perito contestou oficialmente Perandrea, e por que será isso?

SEGUNDA FASE DA CRÍTICA: *Observações (pág. 2).*

Para facilitar nesse momento, insiro os comentários abaixo de cada texto, incluindo entre {}.

1) O autor do presente estudo não é técnico em grafoscopia, tão-somente conhece os rudimentos da matéria; em decorrência, deslizes e equívocos no uso de termos técnicos, ou mesmo a falta desses, deve ser relevada.

{Conforme apontado nas observações preliminares, por ele mesmo, Montalvão não é perito e nem especialista, fatalmente não iria cometer apenas erros de “termos técnicos”, esses menos importantes para a compreensão. Os verdadeiros problemas estão nos erros ou omissões que induzem o leitor a rumar para uma conclusão de interesse não realmente crítico}.

2) Considero importante destacar que o trabalho não intenta avaliar a capacidade técnica do professor Perandréa. Nada temos a objetar relativamente ao fato de Carlos Augusto Perandréa ser classificado como perito de qualidade. As críticas que seguem focam exclusivamente a excêntrica suposição defendida pelo técnico de que teria comprovado legítima atuação mediúnica de um espírito por meio da psicografia de Chico Xavier.

{Eis aqui outro equívoco. No momento que se faz uma contestação e se intitula a mesma de “O que Perandréa não viu”, já pressupõe uma avaliação do mesmo, tentando apontar os erros do perito. Facilmente irei demonstrar que as omissões de Montalvão levam a tal conclusão errônea, uma vez que ele afirma tentar contestar a “excêntrica suposição”.}

3) O material utilizado em nossos cotejamentos e ilustrações é o contido no livro do professor Perandréa; não tivemos acesso aos espécimes originais.

{Infelizmente ninguém, senão Perandréa e seu perito auxiliar (e familiares, obviamente), tiveram acesso aos originais, os devolvendo após a perícia.}

TERCEIRA FASE DA CRÍTICA: *Preâmbulo (pág. De 3 – 5, referente ao link anexo).*

Nessa parte do trabalho, não irei me deter aos erros mínimos, pois alguns são opiniões e visões e essas diferem mesmo entre os espíritas, porém irei citar e comentar certas dissertações de Montalvão:

Motivado pela indagação do treinando, o instrutor decidiu investigar melhor o assunto. Provavelmente, deve ter levado em conta o pronunciamento de Allan Kardec a respeito da letra do médiums nas psicografias, conforme exemplos a seguir (destaques – negritos e realces – de nossa autoria). (pag. 4)

Como conversei com Perandréa (por telefone), ele contou-me que na verdade foi um amigo jornalista que o indagou sobre tal possibilidade e ele disse que talvez fosse possível. Iniciou assim sua pesquisa que durou aproximadamente 10 anos.

Quando Montalvão diz “provavelmente”, ele demonstra que não sabe e nem sequer conversou com Perandréa para saber o que houve de fato, mas tudo bem, Perandréa ao analisar as cartas e separar as que continham mudança de grafismos, tentou entender o fenômeno e acabou indo no único rumo possível: Allan Kardec.

Perandréa contou-me uma longa historia de como chegou a esse caminho, porém irei omitir aqui pois não faz diferença à referente busca.

O fato mais importante, a salientar, que levou Perandréa a entender o fenômeno foi considerar que, de uma forma ou outra, o espírito estaria conduzindo a mão de Chico Xavier e isso implicaria numa mescla (hibridismo) de letras (gramas) e numa deformação gráfica. Perandréa não conseguia entender inicialmente como haviam letras iguais dos espíritos sem que Chico soubesse como elas eram, ou se formavam-se (gênese gráfica).

Nos longos anos de pesquisa, Perandréa tentou explicações para compreender esse hibridismo e deformação e, como seria possível uma pessoa, sem ter visto a letra original, poder mesclar com a sua num estado mediúnico, a letra de um morto.

Para não aprofundar, resumidamente, seria o mesmo que o leitor desse artigo segurasse na mão de outra pessoa que estaria segurando uma caneta ou lápis e se propusesse a escrever. Fatalmente não seria uma letra exatamente como a grafada pelo próprio braço, uma vez que temos uma “vivência” com nosso braço desde que nascemos, portanto comandar, macro e micro de si mesmo, é mais fácil, já de outrem, não.

Um problema observado aqui, como crítico, são os termos usados por Montalvão: *Provavelmente, “deve ter inferido que se existem médiums”* entre outras ao longo do trabalho, que demonstram muitas suposições pessoais e não embasadas efetivamente numa conversa

com Perandréa ou certeza comprovada sobre a verdade. Nos demais, está dentro de um padrão aceitável, ainda mais por ele não se tratar de um espírita.

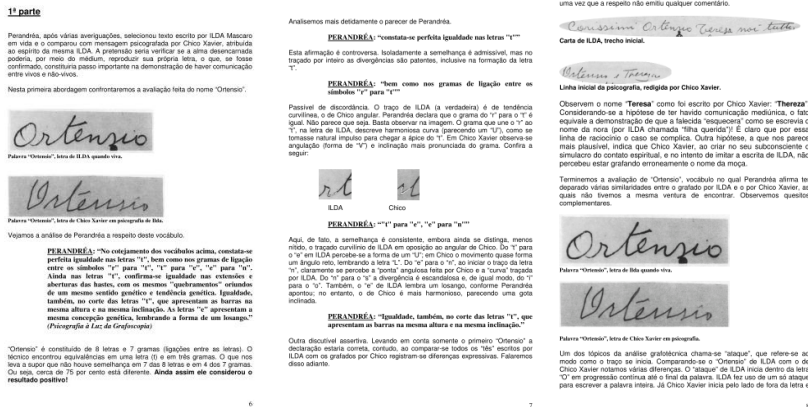
A mais importante questão observada num primeiro momento é: concluir que Montalvão se perdeu na “essência” da pesquisa de Perandréa, isso explicaria muitas das omissões, ou senão, teriam sido equívocos pessoais? Veremos mais adiante.

QUARTA FASE DA CRÍTICA: 1ª Parte (págs. De 6 a 10 – do anexo)

Essa parte, por incluir diversos pontos, irei dividi-la em 4 partes da análise, sendo:

- 1- O grafismo de Ortensio;
- 2- O erro no nome Teresa;
- 3- Os “t”s;
- 4- O grafismo Ortensio rabisicado.

Para posicionar o leitor mais facilmente, aqui estão as páginas fotografadas de M.M.:

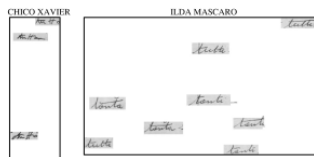


a mantêm aberta e isolada. Para dar continuidade ao grafismo, Xavier parte de um segundo traço com a letra "r". Essas peculiaridades sugerem grafismos de autores diferentes.

O pingo no "t" de Ortensio feito por ILDA é realmente um pingo, o de Chico assemelha-se a um acerto circunflexo. No corte do "t", embora Perandréia tenha destacado que a trajetória de ambos está harmoniosa, bem como a direção do traço (o que é correto), há uma diferença a ser registrada: o traço de ILDA está agregado à letra, o de Chico está afastado do "t". Isoladamente, esses detalhes podem não ter maior significado, pois os autores raramente escrevem com igual exatidão em textos diversos. Entretanto, se se perceber a tendência a repetir o manetismo, aí passa a ser importante.

No caso dos "tês" essas características não são notadas em outras reproduções da letra, nem em ILDA nem em Chico. Mesmo assim, há algumas curiosidades a ser destacadas.

1. ILDA tende a "economizar" traços: em palavras com mais de um "t" (como "tubo") ela, em várias passagens, corta todos com risco (único. Assim, no texto produzido por ILDA viva encontramos 4 palavras com "tês" cortados com um traço, e quatro com dois traços; em Chico Xavier tal não se repete, somente em palavras que os "tês" estão juntos, como "tutu", os "t", por tendência natural da maioria dos escritores, recebem um corte. Veja nas imagens a seguir:

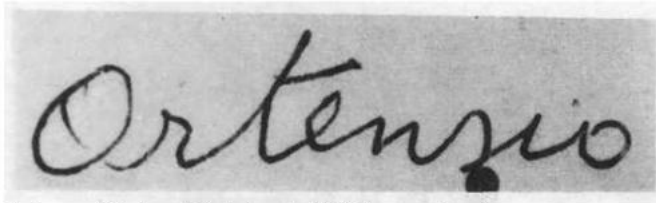


No texto psicografado há um segundo "Ortensio", que se apresenta semimaturado. Perandréia deveria ter analisado também este grafismo, porém dele não faz apreciação. Rasuras podem ser simples rasuras, mas, dependendo da circunstância significam indicio de falsificação. No Ortensio recebido, a similaridade do corte do "t", que Perandréia destacou como ponto importante, não se repete, tampouco quaisquer das equivalências que detectou na comparação precedente.

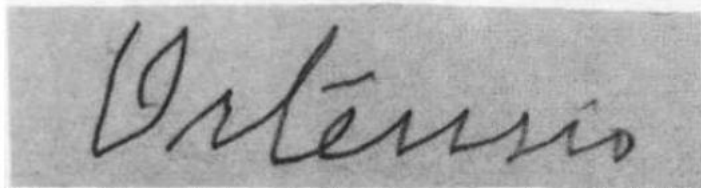
Na questão das rasuras, a psicografia feita por Chico apresenta dois grafismos com letras riscadas. A peça-pastilha mostra que a escrita de ILDA era firme, sem vacilação e não ostenta remendo. Em alguns pontos, como na palavra "Ortensio" parece ter havido repasse da caneta no "n" final, mas isso pode ser falha do instrumento de escrita. Já as retificações feitas por Chico são evidentes.



1 – Grafismo de Ortensio



Palavra “Ortensio”, letra de ILDA quando viva.



Palavra “Ortensio”, letra de Chico Xavier em psicografia de Ilda.

O que disse Perandréa, segundo Montalvão:

PERANDRÉA: “No cotejamento dos vocábulos acima, constata-se perfeita igualdade nas letras “t”, bem como nos gramas de ligação entre os símbolos “r” para “t”, “t” para “e”, “e” para “n”. Ainda nas letras “t”, confirma-se igualdade nas extensões e aberturas das hastes, com os mesmos “quebramentos” oriundos de um mesmo sentido genético e tendência genética. Igualdade, também, no corte das letras “t”, que apresentam as barras na mesma altura e na mesma inclinação. As letras “e” apresentam a mesma concepção genética, lembrando a forma de um losango.” (Psicografia à Luz da Grafoscopia)

O que disse Montalvão:

*“Ortensio” é constituído de 8 letras e 7 gramas (ligações entre as letras). O técnico encontrou equivalências em uma letra (t) e em três gramas. **O que nos leva a supor** que não houve semelhança em 7 das 8 letras e em 4 dos 7 gramas. Ou seja, cerca de 75 por cento está diferente. **Ainda assim ele considerou o resultado positivo!***

Meus comentários:

Montalvão começa a deixar claro seu parecer contra, induzindo o leitor nas suas suposições e crenças pessoais. Em destaque amarelo, tal incitação começa a ficar clara, tentando levar o leitor a concluir que a breve exposição da análise de Perandréa tende a levar a “supor” algo. Perandréa não levou nada a supor, expôs e deixou claro, mediante análise pericial tal constatação. Isso ele confirma numa das técnicas usadas por peritos, omitido por Montalvão em sua pseudo-contestação, veja:

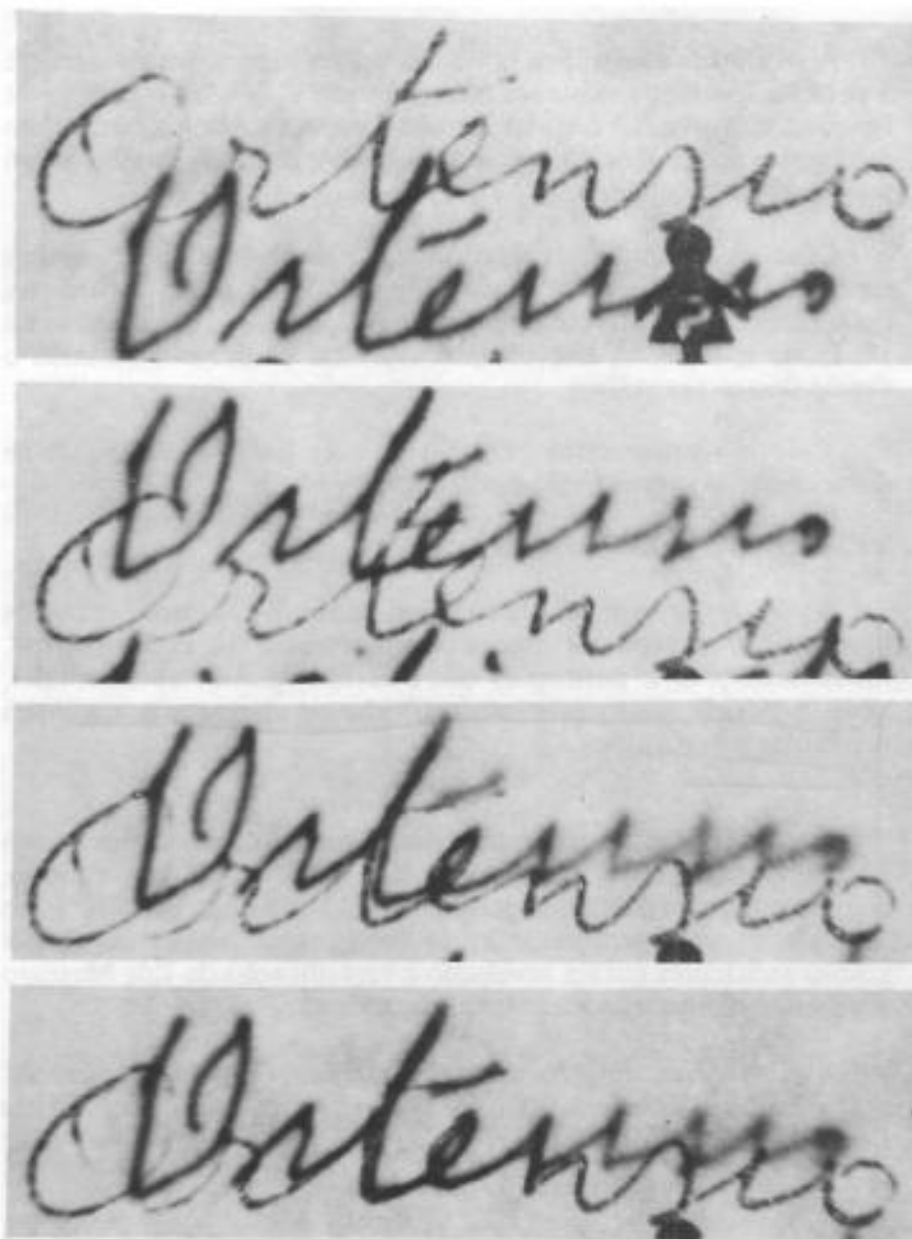


Fig. 35, 36, 37 e 38 - Superposição da peça questionada com a peça padrão, obtida através de transparência por luz emergente, em seqüência de macrofotografias

Como é facilmente perceptível acima, Perandréa não supôs nada, usou de técnicas que peritos usavam na época e por isso o nosso pseudo-contestador falhou por desconhecer da profissão do perito, mas isso já comentei anteriormente, é fácil um enfermeiro (com todo o respeito à profissão) tentar argumentar contra uma decisão médica sem conhecer o que realmente é.

Em adicional, não deixemos passar a parte da frase de Montalvão:

“(.)..O que nos leva a supor que não houve semelhança em 7 das 8 letras e em 4 dos 7 gramas. Ou seja, cerca de 75 por cento está diferente.”

Por eu não ser um perito, não me arriscarei a contestar Perandréa nesse tocante, porem nos laudos ele embasa seu parecer sobre o hibridismo e a gênese gráfica (mais a diante retomo isso). A tentativa de Montalvão de tentar confundir a mente do leitor se propaga pelo desconhecimento dele próprio e do leitor leigo ao assunto. Pelo fato de eu estar inserido na atual pesquisa, posso garantir que existe uma infinidade de fatores que podem deformar a letra, sendo o ponto de apoio, o material usado ou, pior ainda, usar a mão de outra pessoa para escrever. Tal fato não pode ser descartado na pesquisa, uma vez que ela foca o fenômeno e qualquer ignorante ao fato não pode desejar ou esperar que o grafismo fosse puro e perfeito.

Outro ponto omitido por Montalvão é o fato de que nenhuma assinatura que fazemos (ou escritas) jamais é idêntica ou igual a outra, tendo a letra uma evolução como nós mesmos. Tal informação é amplamente citada em qualquer meio grafoscópico.

Montalvão insiste e tenta contra-argumentar Perandréa sem embasamento algum, vejam:

Analisemos mais detidamente o parecer de Perandréa.

PERANDRÉA: “constata-se perfeita igualdade nas letras “t””

Esta afirmação é controversa. Isoladamente a semelhança é admissível, mas no traçado por inteiro as divergências são patentes, inclusive na formação da letra “t”.

A afirmação é controversa somente na mente de Montalvão, ou por ser convicto em sua crença pessoal ou por não possuir conhecimentos de especialista em grafoscopia. Demonstrei a parte omissa de Montalvão onde, na sobreposição, fica bem clara toda a semelhança, mas ainda posso usar outra informação omitida por Montalvão e que demonstra o correto parecer de Perandréa, veja:

Perandréa, no início do livro (e artigo científico), explica como a análise pericial foi feita, e esta incluía, como documentos referência, a carta psicografada, uma fonte com a letra original de Ilda (cartão de páscoa) e **escritos com a letra original de Chico!** Esse último, parecendo serem descartados na análise simplória de Montalvão. Agora compare os “t”s de Chico Xavier com os psicografados por ele:

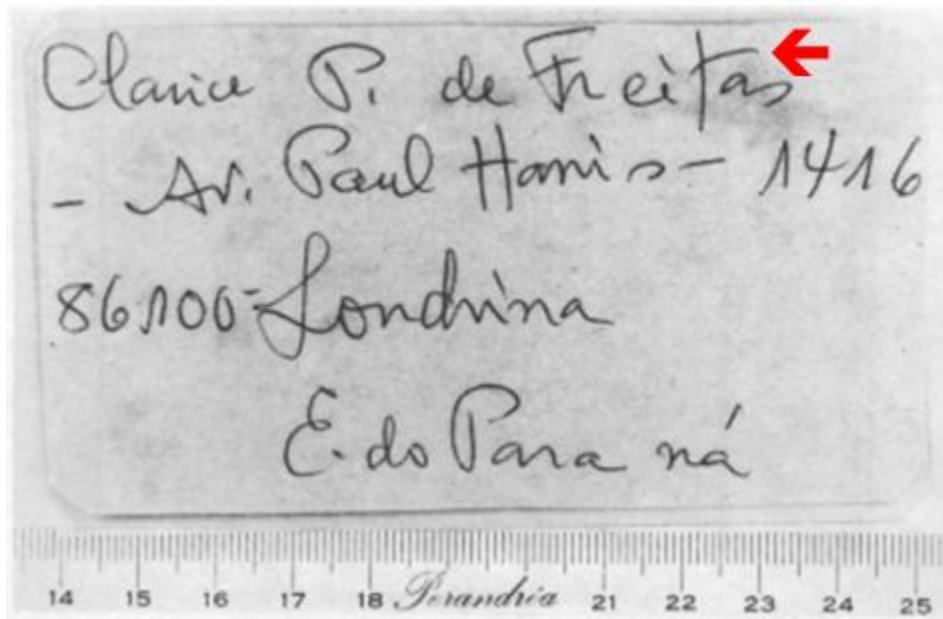


Fig. 5 - Escrita de dezembro de 1979

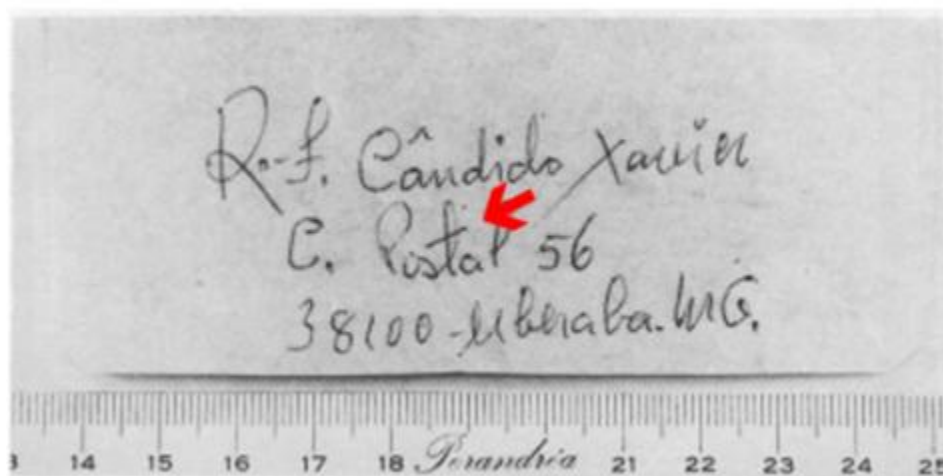


Fig. 6 - Escrita de dezembro de 1979

Pág. 41 do livro PSICOGRAFIA À LUZ DA GRAFOSCOPIA – escritas originais de Chico.

Até para leigos no assunto fica clara a diferença tocante entre os “t”s comuns de Chico Xavier com o escrito na carta, onde coincide com o de Ilda. Coincide ou era mesmo de Ilda?

Mas vejamos mais, até onde vão as omissões. Na próxima figura, a página seguinte, com mais amostras da escrita original de Chico Xavier. Até irei me aventurar a comentar algo gritante e bem característico de Chico:

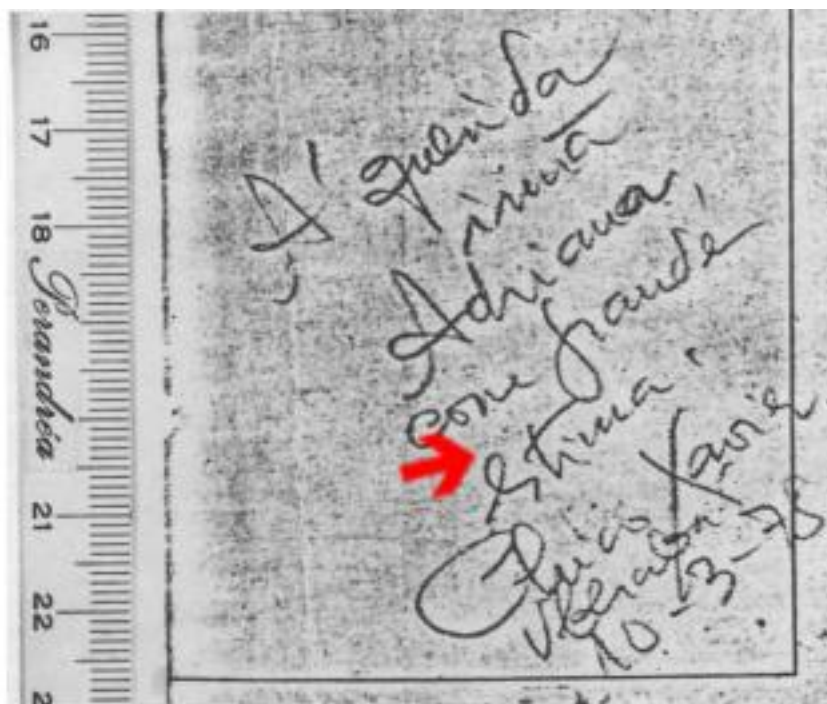


Fig. 7 - Escrita de 10 de março de 1978

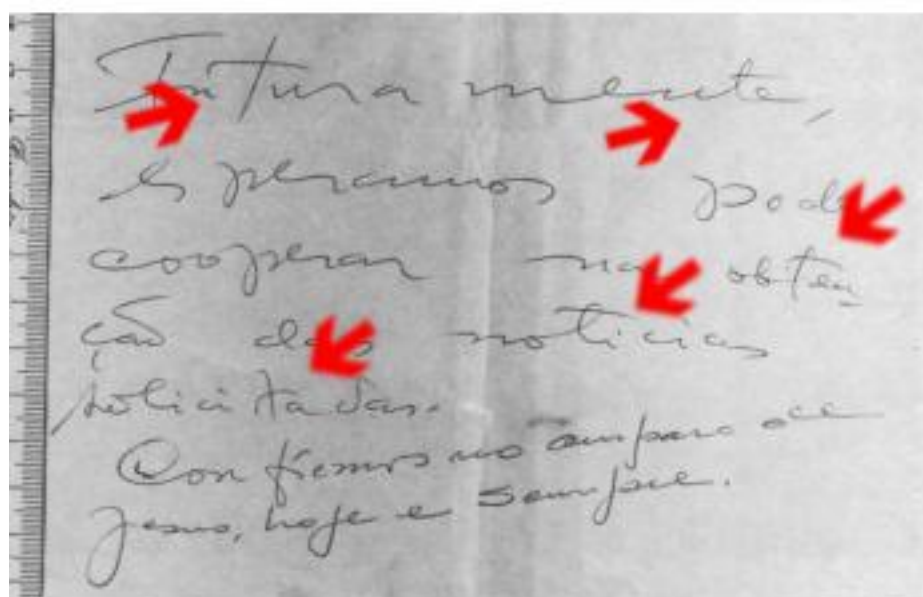


Fig. 8 - Escrita de 16 de agosto de 1983

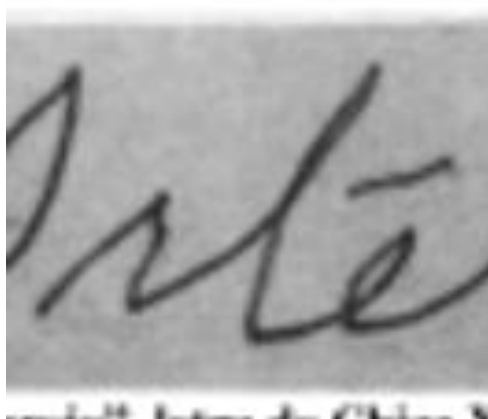
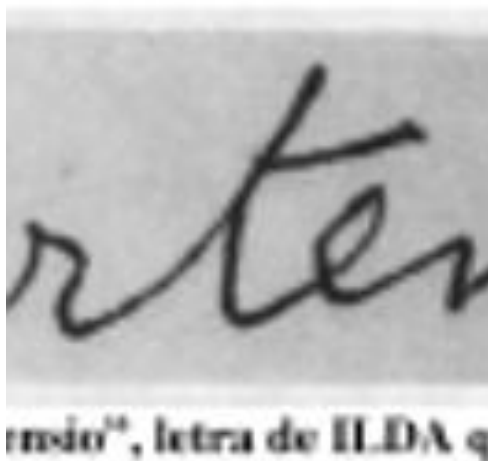
Em vermelho, com setas, em ambas as figuras, destaquei os dois tipos de “t”s de Chico Xavier.

Brincando agora de grafoscopista, irei me aventurar em comentar os “t”s de Chico, uma vez que não tenho competência alguma para criticar um perito.

Chico nitidamente possuía dois tipos de “t”, algo que eu mesmo tenho em minha escrita. Num dos tipos de “t” do Chico, ele é isolado, sem ligação com outras letras e com um

traço cortante com uma pendencia para baixo do lado esquerdo, algo mais forte na escrita por ele. O outro é um “t” ao estilo cursivo, como um laço e com o mesmo estilo de corte, curvo levemente na ponta esquerda.

Veja então novamente o “t” na psicografia e o “t” de Ilda:



Nem precisa ser perito para identificar tal semelhança (entre Ilda e carta) e diferença total entre o grafismo original de Chico Xavier com o de Ilda. Nem precisa ser um sábio agora para perceber o quanto Montalvão errou em induzir o leitor ou uma gama de interessados a rumar contra evidências irrefutáveis. Portanto, Perandréa estava e está certo e Montalvão comprovadamente errado.

Encerro aqui essa parte, dispensa o trabalho de criticar as outras intenções de Montalvão sobre o essa palavra.

2 – O Erro do nome Teresa

Para entrar nesse detalhe é preciso entender um pouco mais sobre a psicografia, algo que Perandréa levou uns 10 anos para entender e que o Montalvão demonstrou nada saber.

Dentre as citações que Montalvão fez, embasadas somente em um conhecimento literário, incorre no erro comum a qualquer aventureiro num campo desconhecido, pecou pelos detalhes.

Para não alongar, irei explicar um pouco dos resultados da minha atual pesquisa que, por ser algo bem prático, tem apontado para resultados semelhantes aos de Perandréa, Kardec e uma ampla literatura.

Dentre as psicografias citadas, existe a mais comum delas, ou seja, a psicografia intuitiva. Essa psicografia se caracteriza pelo fato do médium ser intuído com a informação, algo bem similar à telepatia, onde a palavra exata nem sempre é obtida (depende da capacidade do médium), mas sim a ideia ou o sentimento (intenção) comunicativa.

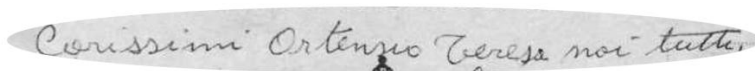
Hoje já possuo subsídios suficientes para afirmar que uma psicografia, mesmo mais mecânica (mais direta do espírito), não consegue ser plena, isto é, o espírito não consegue ter uma influência ou “incorporação” 100% sobre o médium. Isso reflete nos meus dados coletados e se confirmam pela análise de Perandréa, principalmente quando ele afirma haverem a letra do Chico Xavier presente na carta, misturadas ao de Ilda Macaro.

Esse hibridismo é um efeito que tem um nome conhecido no espiritismo, chama-se de *animismo*. Esse animismo é uma espécie de influência não intencional do médium na comunicação (consciente ou inconsciente). Alguns não espíritas consideram isso como uma desculpa, os espíritas como uma verdade, para mim, como pesquisador, é um fator presente no fenômeno, portanto não é possível condicionar e dizer “não dá pra ele existir”, ele simplesmente existe e o hibridismo é recorrente ao fenômeno, independente de ser Chico Xavier ou o “Zé da esquina”.

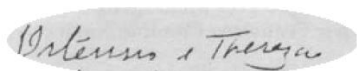
Bom, compreendendo essa parte, fica mais fácil demonstrar o quanto Montalvão se equivocou em sua contestação ou tentativa de apontar uma inobservância de Perandréa.

Vamos comparar as letras de Thereza, escrita por Chico e o Teresa, escrita por Ilda:

Vejamos um destaque interessante, que Perandréa parece não ter percebido, uma vez que a respeito não emitiu qualquer comentário.



Carta de ILDA, trecho inicial.



Linha inicial da psicografia, redigida por Chico Xavier.

Observem o nome “Teresa” como foi escrito por Chico Xavier: “**Thereza**”.

Compare os “t”s novamente. Veja que o “T” é completamente diferente um do outro, inclusive a letra “a” final, onde é aberta (psicografia – 2ª abaixo) do “a” parecendo um triângulo, ao estilo “o” de Ortensio, porem com a “perninha”.

Em resumo, a palavra escrita na psicografia não é a letra de Ilda, mas sim de Chico Xavier. Volte nas imagens dos originais de Chico e veja a palavra “hoje” (fig. 8) e perceba que não só o “T”, mas o “h” também é dele, portanto aqui, mais uma vez aparece o hibridismo, e o nome grafou-se errado pois, no exato momento da psicografia de mecânica, a mesma oscilou para intuitiva, então nada mais esperar do que um possível erro.

Tal erro demonstra que Chico não sabia exatamente o nome da nora de Ilda, então imaginem ele saber a letra original dela e o idioma italiano. Isso é importante de salientar, pois os céticos mais extremistas procuram explicações como fraude para tentar explicar alguns fenômenos inexplicáveis. O ceticismo é fundamental para não se aceitar tudo indiscriminadamente, porem em demasia prejudica a visão dos fatos. Montalvão prossegue:

Considerando-se a hipótese de ter havido comunicação mediúnica, o fato equivale a demonstração de que a falecida “esquecera” como se escrevia o nome da nora (por ILDA chamada “filha querida”)! É claro que por essa linha de raciocínio o caso se complica. Outra hipótese, a que nos parece mais plausível, indica que Chico Xavier, ao criar no seu subconsciente o simulacro do contato espiritual, e no intento de imitar a escrita de ILDA, não percebeu estar grafando erroneamente o nome da moça.

Montalvão recai mais uma vez nas “hipóteses”. Aqui, a grafoscopia é algo sério, científico, não dá margens para hipóteses. Deixamos as hipóteses para o que não conhecemos, então concluo que Perandrea não criou hipótese, ele não possuía conhecimento suficiente para supor mesmo depois de 10 anos de estudo. Montalvão não tem conhecimento suficiente para supor corretamente sobre o fenômeno, talvez se ele entendesse mais sobre psicografia, não investiria tempo para falar sobre isso. Por outro lado, se a letra fosse de Ilda (mesmos grafismos) e o nome estivesse errado, então eu daria o braço a torcer e teria que rever todos os meus conceitos sobre o que sei em relação à psicografia.

Em seguida, Moisés usa o termo “no intento de imitar a escrita de ILDA”. O uso da palavra “imitar” pressupõe uma fraude, algo que qualquer perito eliminaria por vestígios nos originais. Em outras palavras, para informar aos leigos sobre a grafoscopia, quando uma pessoa imita uma assinatura, mesmo treinando previamente, ele é enganado pelo próprio cérebro, deixando marcas no papel, na pressão dos traços e nas “paradas” cerebrais. Nesse tocante, o autor da pseudo-contestação deveria ser mais claro e não hipotetizar sobre uma falsificação, a menos é claro, que houvesse provas ou comentários do referido perito sobre os grafismos. TODOS os peritos investigam traços de falsificação, e eliminam primeiramente tal possibilidade.

Depois Montalvão retorna e insiste no nome “Ortensio”, então vou me aventurar, mais uma vez, a brincar de grafoscopista e analisar os prós e contras de cada detalhe, só não vou omitir a comparação à grafia original de Chico, algo que Moisés fez.

Para fazer isso, vamos fazer o que Perandréa fez, pegou a carta, o grafismo original de Ilda e o de Chico e vamos comparar letra a letra. Vamos descartar a parte do “te” pois já ficou bem demonstrado (anteriormente) que tanto em sobreposição como em semelhança e gênese gráfica a tendência toda é de Ilda Mascaró.

Veja a figura novamente:

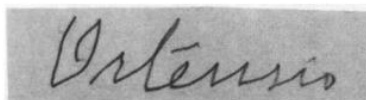


Fig. 13 - Escrita questionada

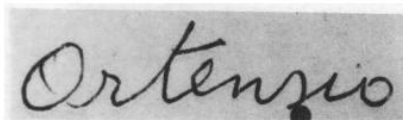
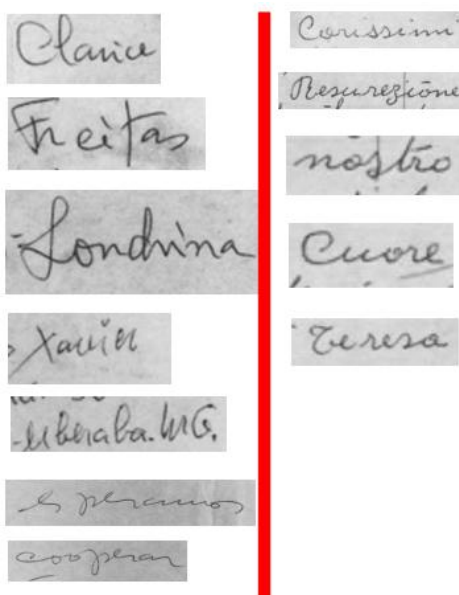


Fig. 14 - Escrita padrão

A letra “O”, infelizmente, não há nas fontes uma letra maiúscula da amostra de Chico para comparar, portanto, até por não ser parecida, vamos considerar que ela não é de Ilda Mascaró. Essa não sendo de Ilda então não pode esperar uma possível ligação entre ela e a próxima letra, o “r”.

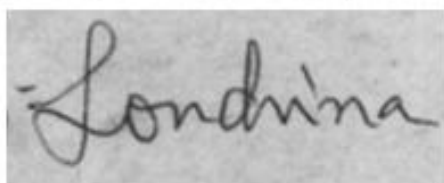
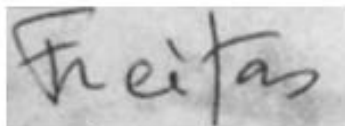
O “r” por sua vez, em nada tem a ver com o “r” de Chico Xavier, sendo os “r”s de Chico uma espécie de traço curvilíneo ou “pontudo”, sendo possível perceber o mais amador dos observadores. Vou recortar algumas amostras e expor na figura a seguir, conclua por si mesmo (esquerda, letra original de Chico Xavier – direita, letra original de Ilda Mascaró):



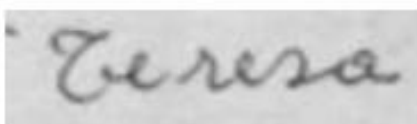
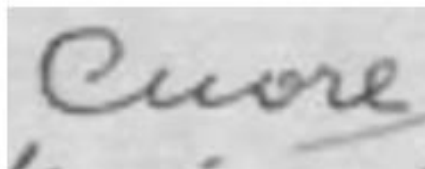
Agora compare os “r”s e conclua por si mesmo. Observe que os “r” de Ilda tendem a ter um lado esquerdo mais pronunciado e “pontudo”, em seguida com uma caída no topo direito da letra. Compare então com a escrita psicografada. Merece mais comentários?

Desenhando resolve?

Letra de Chico X.



Letra de Ilda



“r” de Ortensio na psicografia

Comentário de Montalvão:

*Para dar continuidade ao grafismo, Xavier parte de em segundo ataque com a letra “r”. Essas peculiaridades **sugerem** gêneses de autores diferentes.*

Sugere? Aí se começa a observar a diferença entre o verdadeiro perito e uma pessoa que se aventura a contestações.

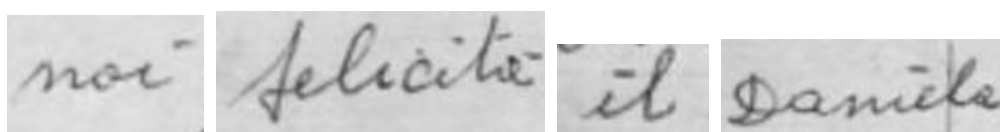
Depois Montalvão foca-se no “i”, veja:

O pingo no “i” de Ortensio feito por ILDA é realmente um pingo, o de Chico assemelha-se a um acento circunflexo. No corte do “t”, embora

Perandréa tenha destacado que a trajetória de ambos está harmoniosa, bem como a direção do traço (o que é correto), há uma diferença a ser registrada: o traço de ILDA está agregado à letra, o de Chico está afastado do "t". Isoladamente, esses detalhes podem não ter maior significado, pois os autores raramente escrevem com igual exatidão em textos diversos. Entretanto, se se perceber a tendência a repetir o maneirismo, aí passa a ter importância.

O 'pingo no "i"' de Ilda é realmente um pingo?

O argumento de Montalvão aqui é fraco, pois a verdade só pode existir em fatos recorrentes. Vamos ver alguns "pingos nos is" de Ilda, omitidos por Montalvão:



Alguns pingos de Ilda são realmente pingos, arredondados, porem outros não são. Usar tal argumento para tentar confundir o leitor a pensar que Perandréa "não viu" é menosprezar um profissional, e pior, sem embasamento realmente forte, ou seja, se TODOS os pingos de Ilda fossem realmente "pingos", então Perandréa estaria errado ou não teria visto.

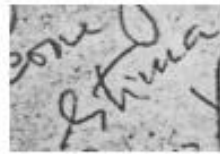
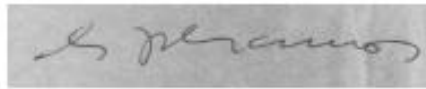
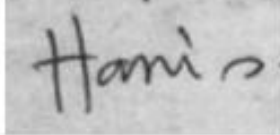
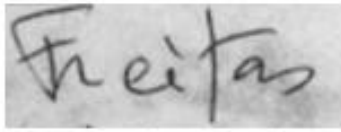
O que há de notório em olhar o "pingos" é que todos tendem a serem colocados a direita da letra, tendendo ao sentido da escrita. Isso se repete no caso do "i" de Ortensio.

Voltando a minha aventura de analisar, vou pular a letra "n" pois essa eu considero além dos meus limites. Para mim tal letra é complicada e encontrei nos dois, Ilda e Chico, a letra com variações bem consideráveis, podendo ou não ser uma coincidência ou uma característica que eu não domino, até por não ser um perito.

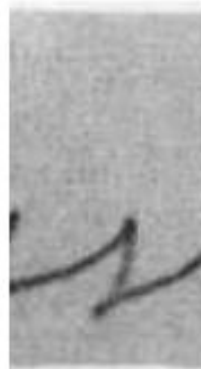
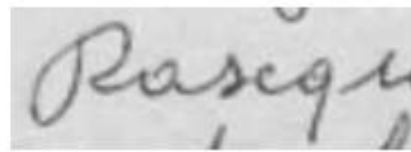
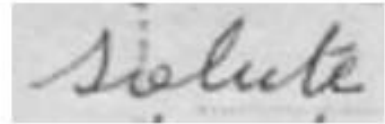
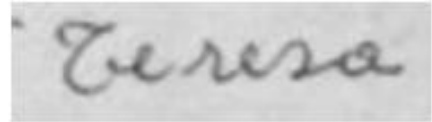
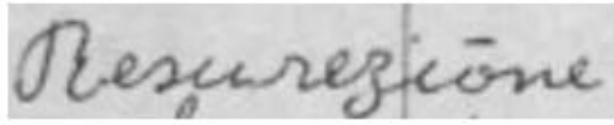
Por outro lado, a letra "s" já é algo bem característico nosso. Os "s" não são, em geral, com um estilo bem definido, ao menos o meu e das pessoas que conheço.

Observando os "s" de Ilda e Chico, percebi que Ilda possuía dois tipos de "s" que oscilavam entre um "pontudo" e um arredondado (no topo). Os "s"s de Chico, por sua vez, são bem característicos. Veja a figura com a comparação e conclua por si mesmo, olhe atentamente o "s" de Ortensio no detalhe e compare com o "s" de "solute":

Letra de Chico X.



Letra de Ilda

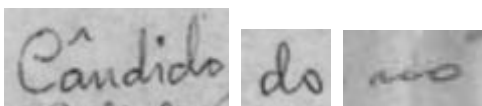


"s" de Ortensio na psicografia

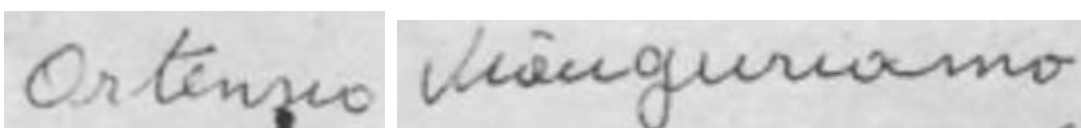
Por fim, a letra "o", também está além dos meus limites. Ilda demonstra uma predominância para um "o" final mais completo, ou seja, fazendo um "o" com a curva puxada. Porém em alguns "o"s, ele aparece como no da imagem, isto é, um "o" puxado e finalizado no ponto do inicio.

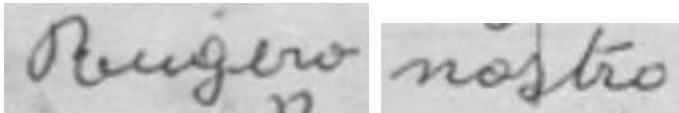
Aqui reside meu limite, pois Chico, em geral apresenta sempre o mesmo "o" final, não tendo o mesmo com curvas finais, veja:

Letra original de Chico com "o" final:



Letra original (padrão) de Ilda com "o" no final:





Nesse grama (letra) eu ficaria com a opinião de que era a letra de Chico (ou pelos 50% de chance), uma vez que não se poderia dizer que predominava em Ilda, ao contrário de Chico, sendo o estilo predominante ou absoluto (não há material original para observar mais modelos da letra original de Chico Xavier).

Para concluir então vou refazer em probabilidades à minha logica:

“O” – Era de Chico Xavier

“r” – Era de Ilda Mascaro

“t” – Era de Ilda Mascaro

“e” – Era de Ilda Mascaro

“n” – São 50% - Letra coincidente

“s” – Era de Ilda Mascaro

“i” – São 50% - Não consegui definir

“o” – Era de Chico Xavier, porem ainda há a possibilidade mínima de coincidência.

Das oito letras, 2 eu diria que seriam 100% de Chico Xavier (f 200), 4 seriam 100% de Ilda Mascaro (f 400) e 2 ficariam em 50% de probabilidade para cada um, ou seja, poderíamos caracteriza-la como nula.

Pelo fato de eu não ser perito, não irei nem hipotetizar alguma conclusão final, apenas deixo três perguntas:

Como alguém poderia, sem ter visto a letra de um morto, reescrever a mesma com tamanha precisão em gênese gráfica?

Como alguém que desconhecia o idioma italiano poderia escrever em tal língua?

Os familiares, garantindo que o médium não possuía modelos originais do grafismo de Ilda, passaram a acreditar na comunicação. Seria necessário provar isso para o mundo? E quantos mais possuem o mesmo tipo de carta e preferem guardarem para si?

Em poucas palavras, o desafio a que Perandréa investiu não é de respostas fáceis, mas pela experiência dele e, considerando todo o seu conhecimento, tanto da grafoscopia como sobre as pesquisas de A. Kardec, o fizeram a concluir em algo: Autoria do texto.

Montalvão disserta sobre sua observação de ex-examinador de cheques:

ILDA tende a "economizar" traços: em palavras com mais de um "t" (como "tutto") ela, em várias passagens, corta todos com risco único. Assim, no texto produzido por ILDA viva encontramos 4 palavras com "tês" cortados com um traço, e quatro com dois traços; em Chico Xavier tal não se repete, somente em palavras que os "tês" estão juntos, como "tutti", os "tt", por tendência natural da maioria dos escreventes, recebem um corte..()

É inegável que Montalvão esteja errado nessa questão (Moizés está correto nisso), é algo bem notório que Ilda tendia a fazer cortes únicos, porem ao analisar a carta novamente, comparei os "t"s cortados com a letra de Ilda e Chico e bingo! Os "t"s que não foram cortados são bem diferentes dos "t"s de Ilda, e adivinha de quem são?

Infelizmente, o fenômeno do hibridismo é notório e inegável. Como relatei anteriormente, não se fez presente somente a Chico Xavier, mas também aos médiuns que estudo hoje. A resposta para isso não temos ao certo, porem o único rumo real, uma vez que temos certeza que o médium não tem acesso aos originais do morto, é que o animismo seja o fator presente constantemente, como uma interferência estática, perturbando a comunicação aleatoriamente.

Por outro lado, Montalvão omite aqui a semelhança na perfeição do grafismo dos primeiros "t"s, onde esses diferem totalmente dos de Chico.

A Ilda tinha um "t" bem característico, sendo ele aberto na sua lançada. Melhor que falar mais, é bom ver com os próprios olhos, estarei expondo na sequencia os "t"s de Chico, novamente.

Escrita original de Ilda (estilo do "t"):

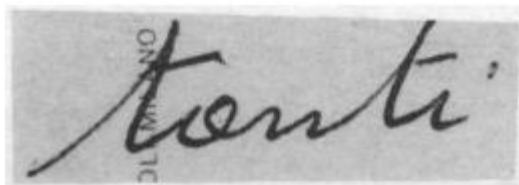


Fig. 22 - Escrita padrão

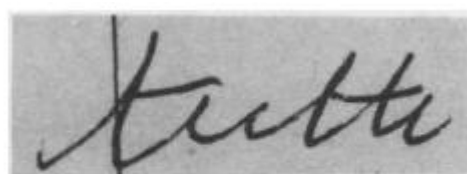


Fig. 24 - Escrita padrão

Carta psicografada por Chico Xavier, detalhes dos “t”s:

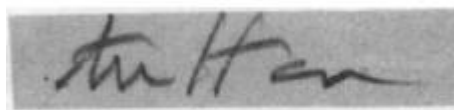


Fig. 21 - Escrita questionada

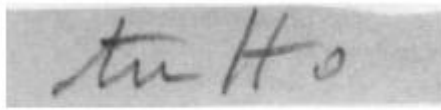
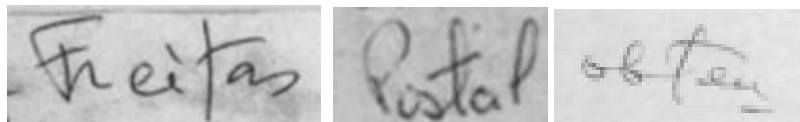


Fig. 23 - Escrita questionada

Agora veja os “t”s originais de Chico Xavier:



Numa breve análise, é possível dizer que houve alguma transição entre algo mais mecânico (psicografia mecânica) e algo mais intuitivo. Realmente não há cortes completos, mas também não há a mesma letra de Ilda em toda a palavra.

Repetidamente, afirmo, se fosse a mesma letra de Ilda em toda a palavra e não houvesse algum corte completo, então eu daria o braço a torcer e iria rever todo meu conhecimento sobre a psicografia. Porém, de fato não há e, como domino informações sobre o fenômeno, então para mim está explicado a nível de fenômeno. O que eu gostaria que os contestadores de Chico Xavier conseguissem explicar como ele faria tais letras sem ter visto os originais, isso até hoje nenhum fez, senão hipnotizar ou supor.

Uma informação de suma importância se dá no fato da família de Ilda, no caso o filho e nora, fornecerem uma única amostra dos grafismos originais de Ilda, demonstrando que possuíam poucas amostras ou somente uma, e se ainda isso foi difícil de conseguir seria muitíssimo pouco provável que levassem para Chico Xavier ver ou então, se tivessem levado, não poriam a prova tal carta. Eu compreendo o ceticismo de muitos, porém algumas hipóteses ofendem as mais simplórias da inteligência humana.

4 – O grafismo “Ortensio” rabiscado

Na sequência, Moisés Montalvão tece comentários sobre rasuras que podem indicar falsificação e induzem a pensar que Perandréa errou ou deixou passar intencionalmente. Veja o que ele diz:

*No texto psicografado há um segundo “Ortensio”, que se apresenta semirrasurado. Perandréa **deveria** ter analisado também este grafismo, porém dele não faz apreciação. Rasuras podem ser simples rasuras, mas, dependendo da circunstância significam indício de falsificação. No Ortensio recoberto, a similaridade do corte do “t”, que Perandréa destacou como ponto importante, não se repete, tampouco quaisquer das equivalências que detectou na comparação precedente.*

Um enfermeiro A ao lado do médico o observa com um paciente, então comenta com o colega auxiliar B:

- O Dr. deveria ter anestesiado primeiro com o remédio X, e somente depois aplicar uma anestesia mais forte.

O auxiliar B responde baixinho:

- Será que ele sendo o médico, e com uma visão mais ampla e profunda está errado? Ou você como enfermeiro teria a melhor solução para o uso de anestésicos?

Bom, aqui foi uma breve alegoria de uma situação hipotética, mas demonstra de forma bem simples o que ocorre em tal contestação.

Montalvão não possuindo conhecimentos suficientes, nem em grafoscopia e nem em mediunidade se aventurou a publicar na internet uma versão mais superficial que deixou feliz inúmeros descrentes ao fato, porém as omissões, ou intencionais (algo que não acredito) ou por falta de conhecimento suficientes, fez com que ele entrasse num beco sem saídas, vou explicar melhor:

O leitor desse trabalho lembra dos “t”s de Chico? Isolados e com traços meio curvos e com uma curvatura no início? Pois bem, olhe então a reescrita de Chico sobre o grafismo psicografado, tentando numa breve retomada de consciência corrigir algo que “ele” pessoalmente entendeu como erro.

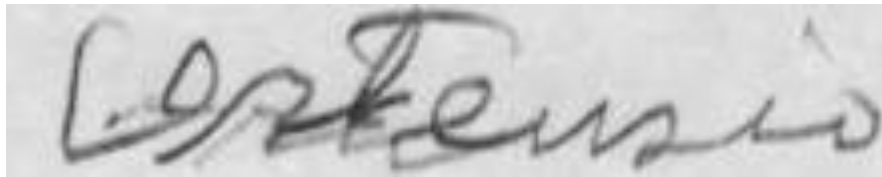
Agora pense numas de minhas repetidas palavras nas páginas anteriores e pense porque Chico não psicografou “Ortensio” com “c” em vez de “s”, afinal, no meu humilde português eu tenderia a escrever com “c” (de hortências). A resposta para isso se deu pelo fato do “s” ser de Ilda e não de Chico, algo que se confirma com o grafismo de “Thereza” (letra de Chico) ao invés do correto “Teresa”.

Então Chico não possuía uma queda no traço esquerdo do “t”?

Um dos “t”s típicos de Chico não era como um laço?

O "r" não era meio q uma curva não definida?

Chico já havia escrito o nome Ortensio algumas linhas antes. Veja a rasura:



Chico rabiscou essa escrita, e não lida. Talvez por Montalvão não entender de psicografia, ele teria se equivocado em comentar sobre o fenômeno.

QUINTA FASE DA CRÍTICA: 2ª Parte (pág. 11 – em anexo)

Nessa parte, Montalvão chama a atenção para os estilos, e ele tem razão! São sim completamente diferentes, superficialmente aos olhos, e creio que se Perandréa fosse periciar tal carta como uma carta normal, não levando em consideração toda sua pesquisa e considerando o fator “mão conduzida”, “mão guiada” e “mão forçada”, ele provavelmente não teria considerado como algo autêntico. Mas por que as coisas não foram interpretadas dessa forma?

A resposta é simples: Montalvão omitiu a base primordial do estudo de Perandréa, ou o fez por desatenção ou quem sabe teria sido por sua convicção pessoal.

Vamos ver o que Perandréa disse no início de pesquisa:

Iniciadas as pesquisas, verificou-se tratar-se de trabalho inédito, com ausência de bibliografia e publicações de trabalhos de autoria gráfica nessa área... ()

Consoante se verá no desenvolver deste trabalho, não poucas foram as dificuldades que se apresentaram nos exames iniciais, pois se tratava de grafismos, que em sua maior parte combinavam com a gênese gráfica do médium escrevente e em algumas passagens apresentavam modificações radicais, sendo algumas mais voltadas para as características gráficas da pessoa quando em vida...()

Esses resultados iniciais pareciam não fazer sentido dentro dos princípios básicos da Grafoscopia. Procurou-se saber as causas...()

Em decorrência desse novo estudo, constatou-se a ineficácia da aplicabilidade do método convencional de exames para a determinação da autoria gráfica. Sabe-se que nos exames de escritas cursivas normais, dentro de uma técnica largamente aconselhada, o examinador inicialmente levanta os dados da Cultura Gráfica e do Grau de firmeza, ao tempo em que a Dinâmica e a própria Gênese Gráfica vão como que emergindo aos olhos experimentados do especialista. Comprovou-se que a técnica de conferência mais adequada é a aplicada para os exames das escritas em alfabetos ideográficos e em escritas numéricas, ou seja, partindo-se dos exames da Gênese Gráfica sendo reforçada pelos demais exames.

Confirmou-se a necessidade de uma maior valorização de alguns pontos de grafoscopia, tais como Cultura Gráfica, Causas Modificadoras do Grafismo, Mão Amparada, Mão Guiada e principalmente o Pivô da Escrita, todos analisados a partir da Gênese Gráfica... ()

Como se pode compreender, Perandréa iniciou sua pesquisa sem muitas fontes e ao longo dos anos foi investigando e buscando soluções para poder compreender o fenômeno ligado ao surgimento dos grafismos de Ilda junto aos de Chico Xavier.

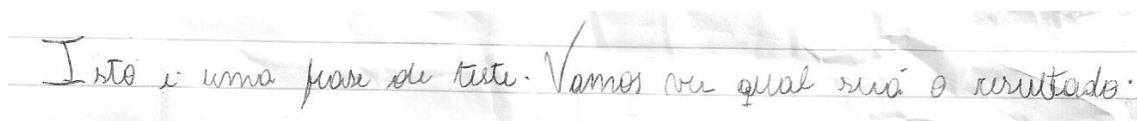
Talvez alguns que nunca tiveram a oportunidade de ler o artigo ou o livro de Perandréa, poderiam ter sido induzidos a pensar que ele foi um grafoscopista que tentou usar de sua profissão para provar algo em que ele acreditava. Isso não foi bem assim.

Perandréa quando aceitou investir na “empreitada” não entendia nada sobre espiritismo e nem acreditava nisso, comentou ele comigo. Foi somente depois que examinou os originais, fez os testes para ter certeza que não eram falsificação, que foi buscar compreender o processo. Chegou ele a codificação de Kardec, então pode compreender que seria algo como se o espírito movesse a mão do médium e isso implicaria em modificações do grafismo.

Perandréa dissertou longamente sobre as variações e fatores que mudam o grafismo, porem, para eu não alongar aqui, resolvi mostrar algo que preparei para meu futuro livro, onde narro toda a minha pesquisa (esta em andamento), dessa forma a imagem dirá mais que muitas explicações, veja:

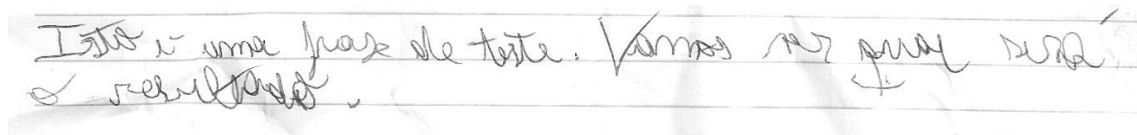
Seguindo a lógica da base da pesquisa de Perandréa, eu convidei uma pessoa a participar comigo de um teste. Nesse experimento eu segurei a caneta e ela segurou na minha mão, então escreveu uma frase simples. Após isso eu escrevi a frase e ela também, para confrontarmos as letras. Como o objetivo aqui não é entrar nesses detalhes, vou me limitar a somente uma pequena porção de meus testes e abaixo temos então dois textos escritos por ela. Montalvão ficaria intrigado com isso, afinal os estilos não parecem muito, alias, parece mais uma pessoa com dificuldades para escrever e mesmo assim, posso assegurar, que somente segurei a caneta.

Grafia de próprio punho da jovem:



Isto é uma frase de teste. Vamos ver qual será o resultado.

Grafia feita segurando em minha mão:



Isto é uma frase de teste. Vamos ver qual será o resultado.

Se perceberem, ela passa a ter uma tendência de inclinação para a esquerda e às vezes para a direita. Outra característica que ocorre, conforme Perandréa comenta, é o aumento dos grafismos e uma não formação precisa deles, porem a gênese gráfica (modo como o escritor desenha cada letra) se mantém a mesma, podendo surgir letras de quem cede a mão, inconscientemente, é claro. Isso eu possuo em outras amostras, mas para não alongar, me limitarei aqui a demonstrar que Montalvão errou sobre isso, incluindo quando ele afirma

tal tendência de Chico de “cair” no final do texto. Isso se deu pela velocidade e troca de papéis, algo também detectado por Perandréa.

Veja o que disse Montalvão:

1. a escrita de Chico Xavier nitidamente tende a decair na palavra final. No texto exemplificativo, essa característica se nota nos dois parágrafos da psicografia (aqui só apresentado o 1º). No último há um tendência ao equilíbrio em relação à pauta (imaginária) ou em relação à base do suporte gráfico (no caso, papel)... ()

Tende a decair? Vamos ver os grafismos originais de Chico novamente:

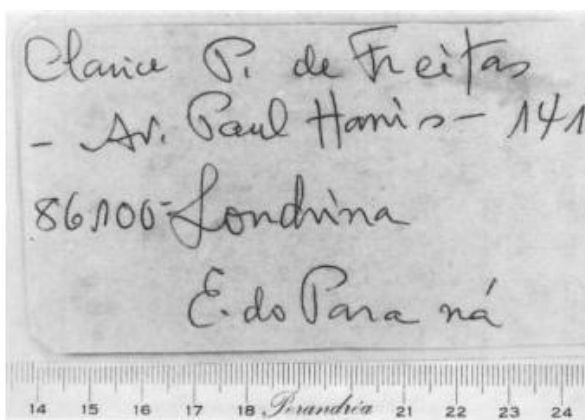
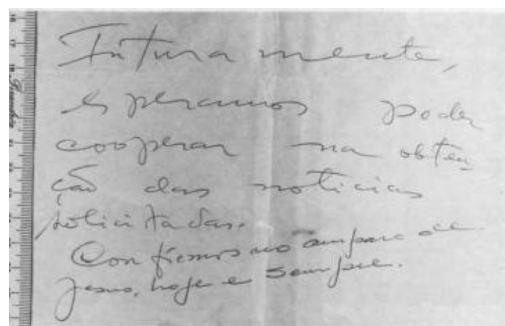


Fig. 5 - Escrita de DEZEMBRO/1979



Fig. 6 - Escrita de DEZEMBRO/1979



Olhem que interessante! Além de Chico Xavier não ter essas tendências, se as tem, em determinados casos, hora é para cima e hora é para baixo. Infelizmente Montalvão falhou aqui, assim como em induzir a falar sobre estilos de letras, ao menos para o fenômeno, algo que é o tema aqui e a pesquisa de Perandréa.

Em seguida, Moisés insiste em seu apelo pessoal, da imitação, veja:

2. outro aspecto típico das cartas psicografadas por Xavier, reside no “esticamento” das palavras. Mesmo observando-se, nessa tentativa de imitar a letra de ILDA, a diminuição dessa característica..()

Não precisa ser perito ou ter feito curso para saber que toda a vez que escrevemos muito rápido, temos tendência a esticar as palavras. Se as psicografias ocorrem em altíssima velocidade, então esperar o que?

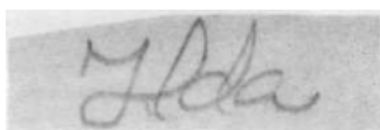
O maior problema, aos meus olhos, é quando eu leio repetidamente a palavra “imitar”, como se Montalvão tivesse certeza de que Chico Xavier imitava a letra de Ilda Mascaro. Isso iria pressupor um complô, incluindo a família de Ilda, o perito, o amigo que ajudou em obter as cartas. Ao menos, se ele, para contestar, tivesse procurado a família de Ilda, buscado originais, demonstrado que houve indícios técnicos de fraude ou “paradas” na carta, então eu poderia me convencer, mas isso não ocorreu, ao invés, limitou-se a hipotetizar com uma análise distorcida e omissa a muitos detalhes importantes.

Nessa parte, Montalvão foca-se na assinatura de Ilda, com alguns comentários após uma citação de Perandréa e então prossegue com detalhes:

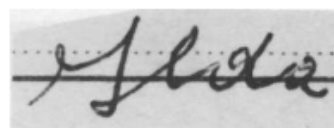
PERANDRÉA: “Para os exames da autenticidade gráfica de uma assinatura, é necessário que se disponha de vários padrões, para os levantamentos das variáveis e constantes gráficas. No caso em questão, existe apenas um padrão, o que prejudica o exame. No entanto, constata-se semelhanças nos gramas curvilíneos e retilíneos, com as mesmas tendências genéticas na formação do símbolo “I”. Por outro lado, chama a atenção o fato de que, tanto na escrita padrão, como na escrita questionada, a assinatura é representada simplesmente pelo vocábulo Ilda.”

Avaliemos as explicações do técnico:

PERANDRÉA: “constatam-se semelhanças nos gramas curvilíneos e retilíneos, com as mesmas tendências genéticas na formação do símbolo “I””



Chico Xavier

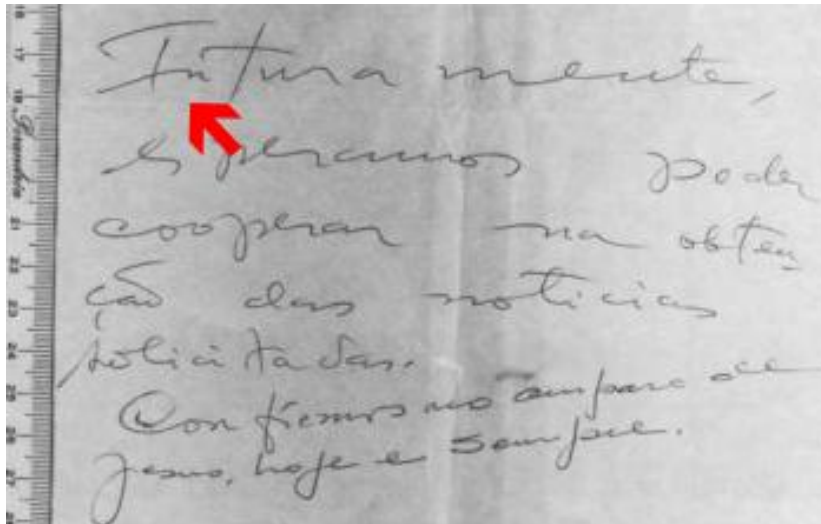


ILDA MASCARO

Novamente, a afirmação de Perandréa é discutível. A escrita geral de ILDA é de predominância curvilínea, os traços retos são em menor número; em Chico a prevalência é a escrita angular (mais reto que curvo). embora na assinatura isso não fique muito claro, devido ao pouco material disponível, de qualquer modo, percebe-se a diferença de percursos dos traços seguindo-se o traçado de cada assinatura com o dedo, como se estivesse decalcando. Nota-se, ainda, que o grama que liga o “i” ao “l” (em “IL” de ILDA) é completamente diferente entre os dois grafismos. Registre-se, também, que ILDA precisou de um só “ataque” para fazer a assinatura; Chico, à primeira vista teria utilizado três ataques, pois o escrito parece estar interrompido, veja os pontos:

Para não se estender e tentar justificar detalhes, não irei focar-me na avaliação de Moizés, mas vou retomar ao princípio: Montalvão ainda insiste em ignorar uma verdade, a de que Chico Xavier não havia visto a grafia de Ilda previamente.

Primeiramente pense em qual probabilidade Chico ou você mesmo teria de saber como Ilda fazia o “i”. O “i” de Chico, infelizmente em uma única mostra nos modelos originais, demonstra ser bem diferente, por sinal, é igual ao meu “i”, veja na figura:



Depois, quando Perandréa comenta sobre a assinatura ser coincidente, limitado a somente “Ilda”, já condiz com o fato de ser outro ponto positivo, pois como Chico poderia saber que ela não assinava Ilda Mascaro? Ou Ilda Saullo? Ou então Ilda Mascaro Saullo?

Pessoalmente, creio que somente condizem as letras “i” e “l”, então não irei me aventurar numa de perito agora, mas eu diria q somente 50% da assinatura é de Ilda, por outro lado, Perandréa olhou os originais, e analisou a pressão que a caneta/lápis fazem no papel, comparando no dorso e analisando detalhes que não posso ousar em opinar, admiro a coragem de Montalvão em faze-lo sem investigar a fundo realmente.

Agora alguns comentários meus(entre chaves) aos de Moizés:

Se alguém quiser fazer um teste, mostre os dois padrões a um caixa de banco, ou a oficial de cartório, e indague se se trata de autógrafo da mesma pessoa. Duvido que o conferente admita que as assinaturas provêm de igual fonte...

{Se for para testar, peça a um perito e infelizmente não daria para ser a assinatura de Ilda, pois Perandréa não afirma que ela é completamente igual. Ele tecnicamente informa as semelhanças e as diferenças, a conclusão final se dá por uma série de fatores, a mão guiada é um deles e, nesse caso, podem haver surgimento de letras do “guiado”, no caso o Chico.}

PERANDRÉA: “chama a atenção o fato de que, tanto na escrita padrão, como na escrita questionada, a assinatura é representada simplesmente pelo vocábulo ILDA.”

*MONTALVÃO: Seria o caso de se perguntar: **chama a atenção de quem, e para o quê?** Sim, porque se ILDA assinava apenas o primeiro nome e Chico fez exatamente dessa forma, isso pode significar, dentre outras suposições, que o homem de Uberaba visualizara a escrita de ILDA antes de*

psicografá-la. Portanto, essa declaração não tem valor técnico, tampouco serviria de reforço à hipótese de que a psicografia seja verdadeira comunicação.

{No tocante, a não ter valor técnico, não posso concordar ou discordar porque não disponho de tal conhecimento sobre as leis do grafismo, peritos saberiam dizer isso. Porém “dentre as outras suposições” de Moizés, creio que ele não aceita a mais óbvia, de que Chico não havia visto a assinatura de Ilda. Isso é longo, mas oportuno, pois a família cederia a assinatura previamente a Chico para depois enviar e confrontar com perícia grafoscópica? E ainda acreditar que Ilda se comunicou e em italiano? Acho que foge a ideia de Navalha de Occam, onde a resposta está no mais óbvio e simples. Acrescento, na minha pesquisa, os médiuns não tiveram acesso a letra das pessoas e elas surgem da mesma forma, híbrida, no papel. }

SÉTIMA FASE DA CRÍTICA: 4ª Parte (págs. 14 e 18 – em anexo)

Por se tratar de longa explanação, e essa já se tornar cansativa, irei resumir e manter a linha básica do pensamento e princípio de análise do Perandréa.

Irei focar-me apenas nos “f”s e desconsiderar os “t”s, esses para mim já estão mais do que explicados. Se possível, irei expor onde Montalvão se perde na linha base, citando algumas conclusões pessoais dele.

Montalvão inicia comentando sobre os “f”s de início de palavras, vejamos o que ele citou:

PERANDRÉA: “Todas as peças apresentam semelhanças nos gramas constitutivos do símbolo “f”, inclusive no grama de ligação com a letra “a”; verificam-se, ainda, no símbolo “m”, as mesmas formações de sentidos e tendências genéticas, com semelhanças também na inclinação dos eixos gramáticos.”

Ora, uma descompromissada olhadela no “f” nos mostra coisa diferente. O “f” de ILDA é formado divergentemente ao de Chico. O próprio aspecto mostra isso. Veja abaixo as diferenças:



ILDA ILDA XAVIER

ILDA faz o “f” como se fora um “j”; o de Chico é mais estilizado; neste, antes do grama que parte para a letra “a”, existem dois “nós” bem característicos. O ataque inicial de ILDA situa-se próximo ao “tronco” da letra, o de Xavier é mais aberto. Se

Imagem parcial da pág. 14

Montalvão continua e justifica (ver detalhado em anexo, se desejar), porem mais uma vez omite o “f” verdadeiro de Chico Xavier, vamos comparar novamente agora, só que sem omissões?



Qual dessas diria que são de Chico Xavier?

Resposta, da esquerda para a direita: 1 e 2, originais de Ilda, 3, carta psicografada, 4,5, e 6, originais de Chico Xavier. Preciso dizer mais?

Infelizmente, nas amostras há somente um “f” minúsculo de Chico, porem esse difere totalmente do grama exposto.

Há outros casos, citados por Montalvão, nas paginas seguintes, demonstrando outros “f”s. Para mim alguns ficaram muito mesclados e na escrita corrida me dificultam a análise. Porem, isso ainda não fugiria do hibridismo e o que Perandréa encontrou no “f” em específico, ficou postulado por ele, declarando a semelhança. Nos demais, não.

Montalvão se detém a comentar as diferenças entre esses casos, porem investe tempo, de certa forma inútil, pois Perandréa foca-se no fenômeno e na grafoscopia a esse.

Após isso, Montalvão se foca nos “t”s novamente, mas insiste nas diferenças. Essas diferenças ficaram claramente demonstradas que se tratam da letra original de Chico, mas deixa de lado as semelhanças, essas impossíveis de contradizer Perandréa, principalmente na “entrada” aberta do “t”, os cortes, inclinações etc.

Moisés Montalvão encerra com sua conclusão em duas partes simplórias, vamos a elas:

*Baseado no que se apresentou, dispomos de elementos suficientes para extrair outra conclusão, que assim pode ser resumida: **muito pouco de ILDA MASCARO se encontra na mensagem psicografada por Chico Xavier.** (Pág. 18)*

Perandréa deixou claro, na introdução, que havia muita escrita de Chico Xavier junto à de Ilda, isso já implica que Perandréa viu o que Montalvão afirma que ele não tenha visto, portanto a pseudo-contestação se demonstrou ineficiente até aqui.

Infelizmente, muitos não viram o livro e nem o artigo científico de Perandréa, mas há outras grandes semelhanças, também omitidas por Montalvão, que reforçam a conclusão positiva do grafoscopista, veja uma delas:



Fig. 33 - Questionada



Fig. 34 - Padrão

Figura do artigo científico, onde demonstra mesmo estilo de puxada do “c”.

Na sequência, Montalvão conclui:

Ao que, podemos acrescentar: a mensagem vertida por Chico Xavier demonstra clara intenção de simular a letra de ILDA MASCARO, sendo fora de dúvida que não foi a referida ILDA a autora da missiva.

Pág. 18. Grifos meus.

Mesmo sendo um leigo parcial no assunto, onde há alguma prova ou evidência clara de que Chico Xavier, no texto, tenha simulado a letra de Ilda?

Não vi um argumento sequer de Montalvão que demonstrasse tal afirmação. Não incluiu provas oriundas de originais, não incluiu depoimento de familiares ou qualquer outra evidência que senão a opinião pessoal e hipotética, provavelmente atribuída a fé pessoal. Por outro lado, omitiu a parte fundamental de pesquisa, onde Perandréa afirma que observou o hibridismo entre as grafias, e demonstrou que para analisar teve de recorrer a um uso incomum das leis do grafismo, uma vez que o fenômeno se dá por uma condução na mão e braço do médium escrevente, deformando assim as letras e podendo haver mesclagem de letras.

Em grifos azuis, Montalvão se promove a grafoscopista, concluindo (na própria mente) que não há dúvida de que Ilda não foi a autora da carta.

De uma pseudo-contestação, onde, no início, se propunha em apenas demonstrar o que Perandréa não teria visto, o autor criticado, agora constesta a conclusão pericial, sem ter conhecimento e competência para tal, afirmando que Perandréa concluiu erroneamente.

Infelizmente, o excesso de omissões me incentivou a escrever essa crítica, pois tais informações na internet se propagam e assim como há falsos médiuns e falsas informações que tendem elevar o espiritismo, há também os falsos contestadores, onde omitem fatos determinantes para um verdadeiro conhecimento dos fatos.

Não pretendo concluir formalmente, pois deixo o mesmo para cada leitor atento e curioso.

Posso acrescentar algumas informações que vem se repetindo (nos resultados) em minha pesquisa, onde testa a grafia entre cartas psicografadas e a escrita original dos falecidos, são elas:

Hibridismo – Todas as cartas psicografadas analisadas até o momento, possuem o mesmo hibridismo, em maior ou menor número, de causa ainda desconhecida;

Predominância de letras (gramas) – Ainda sem explicação de causa também, há fortes evidências de que letras do médium tendem a se repetir em maioria, como nos textos vistos aqui, onde Chico se caracteriza pela letra “a”. Em outras palavras, na psicografia, sem explicação ainda, o Chico Xavier sempre usava um “a” pessoal dele. Em outros médiuns se observou o mesmo efeito, porém com outras letras;

Erro nos grafismos de nomes – Até o presente momento, apenas um caso apareceu erro nos grafismos de nome, sendo que a letra divergia conforme ocorre na carta psicografada por Chico, no nome Teresa;

Assinaturas condizentes ao uso – Até o momento, nos casos analisados, as assinaturas condizem com o mesmo uso dos nomes assinados, coincidindo também com o caso de Ilda Mascaro Saullo, onde ela somente assina “Ilda” e não o nome todo. Nos casos, na atual pesquisa, quando a assinatura se faz presente na psicografia, ela condiz com os mesmos nomes usados em assinaturas formais, alguns nomes em completo;

Deformações no grafismo – Em todos os casos observados, até o momento, há deformação de grafismo, em alguns casos menos e outros mais, conferindo com as conclusões na pesquisa de Perandréa;

Autoria x Autenticidade – Autenticidade se limita a concluir somente pela assinatura, enquanto que para dar um parecer de autoria, é necessária fundamentação de grafismos no texto todo. Até o presente momento, não há nenhum caso de tendência para autoria, tendo os médiuns analisados, demonstrado apenas psicografia intuitiva, com grafismo próprio no texto, diferenciando assim da carta e mediunidade de Chico Xavier, porem assinando com gramas padrões no final das cartas psicografadas;

Idioma – Até o presente momento não há amostras de cartas onde o idioma seja outro que não o português. Há relatos de cartas assim psicografadas pelos médiuns, porem não tendo acesso as mesmas não se incluem como similares a de Chico Xavier.

Sobre o autor da critica:

Sandro Fontana, lidera, hoje, um grupo na pesquisa de cartas psicografadas, onde familiares reconhecem como assinaturas muito similares (ou igual) ao dos entes já falecidos. Essas assinaturas estão sendo expostas à vários grafoscopistas, sob rígida metodologia, que estão analisando a autenticidade das mesmas. A pesquisa iniciou em 2010 e estima estar concluída em 2012. Tal trabalho pretende publicar um artigo científico, conclusivo ou não, e dele está se originando um livro, onde o autor narra toda a pesquisa, investigação e os relatos dos textos e os compara com as informações dos familiares.

Dedico essa humilde crítica a todos aqueles que verdadeiramente investigam e buscam por respostas, e não para aqueles que sentam-se e investem seu precioso tempo em hipotetizar...

